



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LINGUÍSTICA
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

LEYLA MARTINS DE FREITAS MARTINIANO

**DISCURSOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LOWCARB:
UMA ANÁLISE DE SUA HETEROGENEIDADE**

João Pessoa

2020

LEYLA MARTINS DE FREITAS MARTINIANO

**DISCURSOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LOWCARB:
UMA ANÁLISE DE SUA HETEROGENEIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras Português, sob orientação da Profa. Dra. Amanda Braga.

João Pessoa
Novembro/2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M386d Martiniano, Leyla Martins de Freitas.

Discursos da Associação Brasileira de LowCarb: uma
análise de sua heterogeneidade / Leyla Martins de
Freitas Martiniano. - João Pessoa, 2020.
44 f. : il.

Orientação: Amanda Batista Braga.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Análise do Discurso. 2. Heterogeneidade discursiva.
3. Associação Brasileira de LowCarb. I. Braga, Amanda
Batista. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 801

LEYLA MARTINS DE FREITAS MARTINIANO

DISCURSOS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LOWCARB:
UMA ANÁLISE DE SUA HETEROGENEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciada em Letras Português, sob orientação da Profa. Dra. Amanda Braga.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Amanda Braga (UFPB)
(Orientadora)

Profa. Dra. Edjane Gomes de Assis (UFPB)
(Examinadora)

Profa. Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini (UFPB)
(Examinadora)

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino (UFPB)
(Examinador Suplente)

João Pessoa
Novembro/2020

AGRADECIMENTOS

À Jesus, Nossa Senhora e São Miguel Arcanjo, para quem dedico minhas orações diárias, por terem me sustentado quando as forças pareciam não mais existir.

Aos Orixás cujos toques e batuques sempre me acalmavam quando a ansiedade me consumia.

Aos Espíritos mais evoluídos que sempre estiveram ao meu lado me ajudando a encaminhar nossos irmãos que necessitam de ensinamentos e luz.

À minha mãe, Rosenildes, pela presença, pelo amor, pela preocupação constante, pelas ajudas de todas as ordens e, acima de tudo, pelo exemplo de força e energia.

Ao meu pai, Edmilson, por ter feito de tudo sempre para que o estudo fosse minha prioridade e por ter me ensinado, do seu jeito, que o saber que adquirimos ninguém nos toma.

À minha Vó Leonor e Minha Tia Nita (in memoriam) por terem me criado, me mimado e me dado tudo que uma criança e uma adolescente poderia querer.

À minha Madrinha Lívia (in memoriam) e Minha eterna Chefa e amiga Simone Nunes (in memoriam), por tudo que me ensinaram em vida, pela falta que me fazem e pela saudade que deixaram e que me faz lembrar todos os dias nossa transitoriedade nesta vida;

À minha esposa Niedja pelo amor, por sempre fazer minhas vontades e promover a segurança necessária para que eu conseguisse me dedicar às minhas atividades acadêmicas.

Ao meu filho de quatro patas, Apolo Luiz, a quem eu pertenco e por quem eu acordo todos os dias, por seu amor incondicional e seu companherismo indelével.

Ao meu irmão, Rafael, por ser o homem que eu mais amo nesta vida e que me deu minha sobrinha, Heloísa, minha Pretinha, por quem eu quero ser melhor a cada dia para ser um exemplo para ela.

À minha sogra, D. Josefa, por me lembrar sempre da importância da fé e ao meu sogro, Seu Luiz, por ser o homem de coração mais lindo que eu já conheci, a ambos agradeço por torcerem sempre pelo meu sucesso.

Ao meu Chefe na EMEF Dr. José Novais, Fernando, pela sua flexibilidade e compreensão com minhas questões acadêmicas.

À minha amiga, parceira na UFPB, Emmeliny, para mim apenas Mmel, por todas as interlocuções, as brigas, os risos, os choros, por ter me levado pela mão para dizer a Amanda que eu queria ser Analista do Discurso, mas principalmente por me aguentar todos esses anos sem reclamar.

À minha amiga, Izabella, para mim apenas Zabe, por todo incentivo, pela paciência, por acreditar em mim mais do que eu mesma, por não me deixar desistir.

Ao meu amigo Zarqueu, por me ensinar tantas coisas burocráticas sobre a UFPB e dividir comigo angústias e esperanças.

À minha companheira de Observatório de Discurso, Emília, pela sua disposição em me ajudar e pela interlocução dedicada e paciente.

Ao Professor Amador, amigo querido, que me ensinou o saber com sabor.

À Professora Francy, por nos emocionar com suas recitações, mas acima de tudo por nos lembrar que a sala de aula é lugar de inteireza e resistência.

À minha orientadora, Professora Amanda, por ser um exemplo de docente, por me inspirar a cada aula, me fazendo querer um dia ser como ela, gigante e generosa no saber.

À Professora Edjane, pelo caminho de tantas ensinamentos junto ao Observatório do Discurso e por fazer parte da minha banca.

À Professora Vanice, por me encantar e me inundar com tanta serenidade e sabedoria nas aulas da Pós, que foram muito importantes para construção deste trabalho e por fazer parte da minha banca.

A minha turma diferenciada, Perdidos na Noite, pelas parcerias, trocas e crescimentos nesses anos juntos na graduação.

RESUMO

Este trabalho propõe analisar, a partir da noção de heterogeneidade discursiva, enunciados produzidos e veiculados pelos canais oficiais da Associação Brasileira de LowCarb. Para tanto, parte-se dos dizeres inscritos em sua missão organizacional para, na sequência, demonstrar os deslocamentos discursivos que se dão a ver nas demais publicações. O objetivo é verificar e apontar as diversas vozes que se fazem soar através dos enunciados da ABLC em contraste à homogeneidade aparente que sua missão tenta emplacar. Ao final das análises, corroboramos nossa hipótese e demonstramos que além do discurso científico dos enunciados da ABLC, também emergem discursos estéticos, comerciais, ligados à beleza e à moda.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Heterogeneidade discursiva; Associação Brasileira de LowCarb.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – DAS FERRAMENTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS	11
1.1 Constituição de um novo campo	12
1.2 Discurso, sujeito e heterogeneidade	14
CAPÍTULO II – A BIOPOLÍTICA E A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LOW-CARB	17
2.1 Uma biopolítica do corpo humano	19
2.2 A Associação Brasileira de Low Carb (ABLC)	23
CAPÍTULO III – A HETEROGENEIDADE DO DISCURSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LOWCARB	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

A sociedade em que vivemos hoje é repleta de exigências e diretrizes vindas de todas as partes. Vivemos sob as leis de um país, convivemos a partir de acordos tácitos de educação e civilidade, mas sobrevivemos ainda com a mais antiga das condições: alimentarmo-nos. Precisamos nos alimentar para viver, para sobreviver. Sem alimentação perecemos e morremos de inanição. Logo, a alimentação deve ser considerada um instrumento de extrema importância, independente do ponto de vista a partir do qual será discutida ou a partir de que viés seja esmiuçada. Falar de alimentação e de suas particularidades, por si só, já é relevante pela dimensão que este ato tem para nossas existências.

Mas alimentar-se nos dias de hoje não se resume a ação de colocar uma comida qualquer na boca. Atualmente muitas são as instituições e instrumentos que se apropriaram desta necessidade humana a fim de potencializar seus efeitos para o corpo. Com argumentos como saúde, bem estar, qualidade de vida e melhoramento de performance, o Governo, a Medicina, a mídia e o comércio tratam a alimentação, ou melhor, a forma e a qualidade do alimentar-se como assunto de primeira ordem, imprescindível e inadiável. Para isso, guias alimentares são editados, dietas são orientadas, reportagens são feitas e alimentos são produzidos com a promessa de mudar nossa relação com a comida e potencializar sua finalidade, que é tão somente a da nutrição.

Aceitando, compreendendo, e acima de tudo, tendo a convicção que vivemos e nos construímos na sociedade discursivamente, acreditamos que é exatamente através e a partir dos discursos que podemos olhar para um recorte nessa conjuntura das questões da alimentação. Partindo da premissa de que, contemporaneamente, as dietas são a tônica da forma de se alimentar e que cada uma delas promete uma satisfação e um resultado miraculoso para seus adeptos, decidimos pensar sobre os discursos construídos acerca de uma dessas dietas em especial: a LowCarb. A dieta LowCarb vem sendo apontada como dieta da moda por ter muitos seguidores entre famosos da tv e da internet. É um regime alimentar que se caracteriza pela redução no consumo de carboidratos, e por isso o nome LowCarb, do inglês “Low”, traduzido como *baixo*, e “Carb”, de *carboidrato*. Os muitos defensores desta dieta argumentam que ela surge alicerçada em referências científicas relevantes, que questionam as dietas que defendem o balanço calórico como regra para o emagrecimento, ou seja, gastar mais calorias do que ingere ou ainda ingerir menos calorias do que gasta. Neste contexto, emerge uma instituição que se coloca como representante desta

vertente de dietas, a ABLC, Associação Brasileira de LowCarb. Entidade esta que se auto determina sem fins lucrativos e enuncia como sua missão organizacional:

Ser referência em ciência nas práticas de saúde baseadas em evidências, comprometida com a divulgação do conhecimento científico e propagação de informações sobre saúde, alimentação e qualidade de vida à sociedade¹.

A questão é: o discurso de ciência e a informação para saúde e qualidade de vida da população como um todo é corroborado nos enunciados das mídias sociais desta instituição? A ABLC, a partir da sua missão, delimita uma área de atuação, um público e um objetivo, mas será que isso se sustenta na construção discursiva de seu site e das postagens do Instagram oficial da corporação (que serão objetos de nossas análises)? A partir do conceito de missão, de reflexões sobre a patologização da obesidade, das imposições de padrões de beleza e de estética, mas acima de tudo, partindo da instrumentalização dos conceitos da Análise do Discurso Francesa, nos propusemos a tentar responder a estas questões. Estamos convencidos de que as respostas a estes questionamentos, ou ainda, a busca por decifrar tais indagações são temas profícuos para o estudo do discurso e das relações humanas.

Partindo do conceito de heterogeneidade discursiva e enxergando a LowCarb como uma prática biopolítica, bem como a ABLC como um dispositivo de segurança, pretendemos demonstrar que há uma heterogeneidade nos enunciados desta instituição que compromete a missão por ela anunciada. Nossa hipótese está alicerçada no axioma de que os sujeitos e os discursos são produzidos a partir de uma heterogeneidade que permeia as construções enunciativas e que poderá ser ratificada e manifestada nas nossas análises por meio de enunciados nos quais se poderá identificar o ruído de múltiplas vozes e profusas ideologias.

¹ Informação retirada do site oficial da Associação Brasileira de LowCarb. Disponível em: <https://ablc.org.br/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CAPÍTULO I – DAS FERRAMENTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Contudo, o sujeito não é homogêneo, seu discurso constitui-se do entrecruzamento de diferentes discursos, de discursos em oposição, que se negam e se contradizem. Ao considerarmos um sujeito discursivo, acerca de um mesmo tema, encontramos em sua voz diferentes vozes, oriundas de diferentes discursos. (FERNANDES, 2007, p. 36)

O alicerce para nossa jornada analítica, como já citado na introdução, será a Análise do Discurso Francesa (AD), da qual partimos e da qual retiramos os conceitos para fundamentar nossos argumentos e embasar nossas análises. Buscamos na AD o seu caráter mais idiossincrático, o da desautomatização da linguagem, para romper com as ilusões de uma homogeneidade do sujeito e do discurso e da estabilização dos sentidos.

A Análise do Discurso é uma disciplina, um campo de pesquisa, que deve ser considerada relativamente nova, principalmente se comparada a outros saberes linguísticos que há séculos foram instituídos. Em 2019 comemorou-se 50 anos da Análise do Discurso contados a partir do lançamento, em 1969, da obra *Análise Automática do Discurso* de Michel Pechêux. Neste mesmo ano, considerado emblemático e decisivo, também podemos citar o nº 13 da revista *Langages*, que tinha como tema a Análise do Discurso, assim como a tese de doutorado de Denise Maldidier, *Análise Linguística do vocabulário político da guerra na Argélia*, que embora não tenha sido publicada é um importante trabalho em AD trazido também em 1969.

Retornando à história, reencontramos os vestígios do contexto que possibilitou o aparecimento deste corpo teórico-metodológico. Embora o termo “análise do discurso” tenha sido introduzido por Zellig Harris, não se pode ligar este autor às problematizações do que se entendeu, e se entende até hoje, por análise do discurso desde e a partir de Pechêux. A vertente encabeçada por Harris, que tem nomes como Jakobson e Benveniste, apresenta uma análise com base no distribucionalismo americano que passa da análise frasal para análise do enunciado e seus trabalhos são vistos como uma extensão da linguística imanente (estudo da língua pela própria língua), pois não refletem sobre o sentido e sobre os fatores sócio-históricos de produção do enunciado.

A irrupção da análise do discurso de linha francesa acontece numa época que muito pode nos dizer sobre esta ciência. No final dos anos 60, o mundo atravessava revoltas com cunho político, social, educacional e trabalhista. Na França, os revolucionários juvenis encabeçavam uma revolta suscitada pela burocracia das universidades (mais precisamente na Universidade de Nanterre) e em prol da exigência de dormitório misto nos campi

universitários, acabando por se tornar um grande protesto que enfraqueceria o governo conservador do general Charles de Gaulle. A classe operária também despontou uma revolução, ocupando as fábricas com pedido de melhores salários e condições de trabalho. Neste mesmo momento histórico, o estruturalismo saussuriano vivenciava seu auge e foi também alvo de críticas a partir destes ideais revolucionários.

A França foi um dos principais lugares de desenvolvimento da análise do discurso, ou o espaço em que pela primeira vez a AD foi definida sob esse nome como um empreendimento intelectual ao mesmo tempo teórico e metodológico específico. Ela apoia-se sobre o estruturalismo numa relação polêmica. Se 1966 é o grande ano do estruturalismo, o da análise do discurso é 1969. (ALMEIDA RUIZ, 2019, p. 49).

Nas revoltas francesas citadas acima, que são o berço do AD, identificamos uma luta dos estudantes e operários por espaços, por identidade e por direitos. A AD anda de mãos dadas com os revolucionários e vem reverter a exclusão do sujeito do âmbito Político/Linguístico. Esse sujeito era visto como ser incitador e perturbador da ordem estabelecida, ordem esta que pregava a língua como objetiva e padronizada. A Análise do Discurso emerge enquanto ciência com o objetivo de combater o formalismo linguístico, aquele que atrelava ao significante um significado, sem entendê-lo imerso em condições de produção históricas e ideológicas.

1.1 Constituição de um novo campo

Segundo Maria do Rosário Gregolin, a Análise do Discurso Francesa “[...] tem em Michel Pechêux seu centro gravitacional.” (2006, p. 13). Pechêux, juntamente com Michel Foucault, propõem um novo olhar para o sentido, para o sujeito e para a História. Ainda em Gregolin, podemos ler que o momento de emergência e a instituição da Análise do discurso é de “[...] intensa produção de espirais de conhecimento [...] e de convulsão no campo francês das ciências humanas.” (2006, p.13). Michel Pechêux teve o gesto fundador, tendo sido provocado por alguns pensadores e tendo provocado outros tantos, fomentando *diálogos e duelos* com vários teóricos como Louis Althusser, Paul Henry, Jacques Lacan, Michel Foucault, entre outros. Podemos resumir (se isso é possível) a AD Francesa como uma disciplina que nasce constituída por uma conjuntura de conhecimentos provenientes da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise, a partir da releitura de Sausurre por Pechêux, de Marx por Althusser e de Freud por Lacan.

Da articulação entre propostas de Sausurre, Marx e Freud surgirão novos conceitos (sujeito, História, língua), e deles vai derivar o objeto “discurso”, tensionado por uma relação entre esse novo “estruturalismo” (releitura de Sausurre), um novo “marxismo” (releitura de Marx) e uma nova teoria do sujeito (releitura de Freud).” (GREGOLIN, 2006, p. 25-26).

O que acontece no final dos anos sessenta, essa reviravolta na Linguística que chamamos de *virada discursiva*, é um corte epistemológico proposto por Pêcheux quando compõe a teoria do discurso trazendo para dentro a relação inextrincável entre língua e história e a consideração do sujeito falante da língua e sua ideologia, atores negligenciados até então, principalmente pelo estruturalismo vigente e dominante na época.

Observava-se, agora, não o sentido pronto, mas a construção do sentido a partir da construção do sujeito e vice-versa. É dessa capacidade de se analisar o discurso a partir de fatores ideológicos e históricos que Pêcheux funda uma ciência que vai se consolidar exatamente por considerar as dimensões múltiplas envolvidas no processo de produção do sujeito e do sentido sem, com isso, ignorar-se os fatores históricos do qual o sujeito e o sentido fazem parte. Em outras palavras, Pêcheux deslocou o conceito de ideologia gestado, até então, no seio de outras ciências e o tomou como ponto de partida para a fixação de um novo terreno cujo objetivo poderia ser traduzido na materialização de um sujeito ideológico, atravessado historicamente e que renascia de dentro de sua *máquina automática do discurso*. (LORDES, 2014, p. 8).

A análise do discurso, sob uma “ótica da ruptura” proposta por Sírío Possenti, rompe com um conhecimento estabelecido instaurando uma nova problemática e ocupando o campo da Linguística de uma forma diferente. Ainda segundo Possenti (2009), a palavra *discurso* na linguística quase sempre denota um tipo de ingrediente “extra” na compreensão de funcionamento da língua, algo para além do codificado. Ingredientes que podem ser entendidos como aspectos históricos, antropológicos, sociológicos, cognitivos, etc, que colocam o enunciador do discurso em determinada condição histórica de produção e inflam a importância do debruçar-se sobre “[...] a cadeia efetivamente produzida em situações ‘concretas’, o que conferiria algum tipo de credibilidade e garantia de realidade extra ao material analisado.” (POSSENTI, 2009, p. 353). Do mesmo modo, Fernandes (2007) afirma que o conceito de discurso tem como característica principal a complexidade que “[...] decorre do fato de discurso implicar uma exterioridade a língua, ser apreendido no social, cuja compreensão coloca em evidência aspectos ideológicos e históricos próprios a existência dos discursos nos diferentes contextos sociais.” (2007, p. 10). É inerente, portanto,

ao conceito de discurso, enquanto objeto sobre o qual se debruça a Análise do Discurso, sua relação indissociável com a linguagem, com a ideologia, com o sujeito e com a história.

1.2 Discurso, sujeito e heterogeneidade

A Análise do Discurso formula uma teoria da leitura em oposição à análise de conteúdo, à filologia e à hermêutica. A AD vai na contramão do sentido intrínseco do texto, de informações que devem ser aferidas dele, rompe com a linguística pelo investimento que esta faz na semântica, criticando a bibliotecalização dos discursos através das categorias temáticas. Opõe o discurso ao conteúdo. Embora não possa, nem deva, ser confundido com uma frase, ou um texto, o discurso, materializado nos enunciados, só pode ser apreendido através da linguagem (verbal ou não verbal). É na descrição dos enunciados que podemos identificar os acontecimentos e as práticas discursivas, bem como as ideologias a eles associadas. Isto significa que o discurso é exterior à língua, mas precisa dos elementos desta para se materializar, assim como também está irremediavelmente atrelado ao sujeito.

Não há como pensar o discurso e as ideologias por ele encampadas sem situar historicamente um sujeito que enuncia, que é atravessado por essas ideologias e constituído por esse discurso. Esse sujeito que tem a ilusão de ser o centro do seu dizer e que se considera responsável pelo que diz, “sujeito que se crê fonte desse seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e o efeito.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27). Assim, o sujeito da Análise do Discurso não é livre e não está na origem do discurso, seu discurso é constituído pelo discurso de outros sujeitos e determinado pelas condições de produção na qual está historicamente inserido. Trata-se, pois, de “um sujeito inserido em uma conjuntura sócio-histórica-ideológica cuja voz é constituída de um conjunto de vozes sociais. Compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz” (FERNANDES, 2007, p. 35).

Os discursos, do mesmo modo, assim como afirma Fernandes, “não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana.” (2007, p. 20). Nas produções do sujeito, ou melhor, nas suas “escolhas” para enunciar, estão presentes ideologias que falam por ele e que o inscrevem em formações discursivas que limitam suas possibilidades de dizer.

uma língua constitui sempre um sistema para enunciados possíveis – um conjunto finito de regras que autoriza um número infinito de desempenhos. O campo dos acontecimentos discursivos, em compensação, é o conjunto

sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas (FOUCAULT, 2019, p. 33).

Neste ponto, é importante dizer a que língua nos referimos: àquela que não é transparente, não é um instrumento e nem é expressão do pensamento. A AD trabalha com a noção de língua cujos sentidos não estão no léxico, mas fora dele, no que é exterior à língua, que marca sua inscrição na história e determina a singularidade do que é enunciado através dela. “Um modo singular de produzir equívoco, eis o que é uma língua entre outras.” (MILNER, 1987 apud POSSENTI, 2009, p. 362). Esta definição nos faz lembrar do caráter repetível e ao mesmo tempo raro do discurso. Essa “velha novidade” só poderia ser carregada, materializada, exatamente por essa língua opaca e equívoca. “Sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso...” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28).

Esta língua denuncia não apenas a polifonia do discurso, como também a pluralidade constitutiva do sujeito. É a partir destas premissas que a AD investirá veementemente contra os axiomas filológicos que consagram ao texto um único sentido (uma só interpretação, uma verdade singular) e encaram o sujeito com uma intenção clara e unívoca, racionalmente produzindo o que quer dizer. E é a partir deste tripé: língua embaciada, discurso polifônico e sujeito descentrado que desembocamos na reflexão sobre o conceito de **heterogeneidade** discursiva proposto pela linguista Jacqueline Authier-Revuz.

A noção de heterogeneidade, conforme propõe essa autora, visando à compreensão do sujeito, é subdividida em duas formas. Temos a heterogeneidade constitutiva como condição de existência dos discursos e dos sujeitos, uma vez que todo discurso resulta do entrelaçamento de diferentes discursos dispersos no meio social. O sujeito constitui-se pela interação social estabelecida com diferentes sujeitos. A segunda forma de heterogeneidade é a mostrada. Nesse caso, a voz do outro se apresenta de forma explícita no discurso do sujeito e pode ser identificada na materialidade lingüística. (FERNANDES, 2007, p. 39).

É ela, a heterogeneidade constitutiva do discurso e do sujeito, a fundação na qual se assentarão nossas análises. Quando identificarmos e apontarmos distintas vozes no discurso de um mesmo sujeito, quando flagrarmos o deslocamento dos dizeres, o deslizamento dos discursos, estaremos diante desta heterogeneidade, o lugar de avessos: da pluralidade de vozes num mesmo enunciado, que é peculiar e distintiva, seja ela constitutiva, seja ela mostrada. Na análise que empreenderemos, ficará demonstrado a importância desta heterogeneidade para a produção de sentidos, sentidos estes que fogem do controle do sujeito

e que escapam ao efeito de homogeneidade que o discurso tenta emplacar. Os enunciados que observaremos e nos quais nos debruçaremos nos colocam diante deste embate que é da ordem da palavra, “considerando que sempre sob as palavras ‘outras palavras’ são ditas.” (FERNANDES, 2007, p. 41), característica que é da ordem dos discursos. Mas que é irremediavelmente também da ordem histórica e está impregnada pela repetibilidade:

O repetível é da ordem de um já-dito, mais amplo e disperso, que remete para o dizer de outros sujeitos, em outros discursos, em outros espaços e em tempos diversos, que tanto podem estar inscritos na mesma Formação Discursiva do sujeito que enuncia quanto em outra Formação Discursiva, seja ela “amigável” ou antagônica. (INDURSKY, 2001, p. 28).

O conceito de heterogeneidade constitutiva apóia-se, ou melhor, é condição das constituições dos sujeitos e dos discursos, “uma vez que todo discurso resulta do entrelaçamento de diferentes discursos dispersos no meio social. O sujeito constitui-se pela interação social estabelecida com diferentes sujeitos.” (FERNANDES, 2007, p. 39).

CAPÍTULO II – A BIOPOLÍTICA E A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LOW-CARB

Trata-se simplesmente de maximizar os elementos positivos... e de minimizar, ao contrário, o que é risco e inconveniente... sabendo perfeitamente que nunca serão suprimidos. Trabalha-se portanto não apenas com dados naturais, mas também com quantidades que são relativamente compressíveis, mas que nunca o são totalmente. Isso nunca pode ser anulado, logo vai-se trabalhar com probabilidades. (FOUCAULT, 2008, p. 26)

No capítulo anterior, refletimos e dissertamos sobre a produção dos discursos, sobre o sujeito do discurso. Mas diante do objeto e dos objetivos deste trabalho, é imperativo que voltemos nosso olhar também para os sujeitos-leitores, para os destinatários, os interlocutores dos enunciados da Associação Brasileira de Low Carb, que mergulharão “nessa teia discursiva invisível, constituída de palavras anônimas já ditas e já esquecidas que constituem um ‘corpo sócio-histórico de vestígios’ a serem lidos” (PÊCHEUX apud INDURSKY, 2001, p. 37): a população para quem os enunciados são produzidos e veiculados, a população que se quer normatizar e normalizar através, por exemplo, da medicina, que segundo Foucault:

vai ser uma técnica política de intervenção, com efeitos de poder próprios. A medicina é um saber-poder que incide ao mesmo tempo sobre o corpo e sobre a população, sobre o organismo e sobre os processos biológicos e que vai, portanto, ter efeitos disciplinares e efeitos regulamentadores. (FOUCAULT, 1999, p. 302).

Estamos nos propondo, neste trabalho, enquanto analistas do discurso, a buscar evidenciar através dos enunciados recortados do site e do Instagram da Associação Brasileira de Low Carb (ABLC), uma associação de médicos, o deslizamento do discurso da Missão desta instituição quando contraposto aos demais enunciados que compõem suas mídias, ou seja, nosso esforço será o de analisar a heterogeneidade constitutiva dos enunciados produzidos pela Associação Brasileira de Low Carb (ABLC).

Pelo objetivo proposto, além de todos os conceitos já trazidos e refletidos no capítulo anterior, é preciso problematizar também as modalidades de poder apontadas por Foucault. Desde o poder de soberania, passando pelo poder disciplinar até o biopoder. O poder de soberania, aquele identificado pela existência centralizadora da figura do rei, é caracterizado por Foucault (1999) pelo direito que o soberano tinha sobre a vida dos seus súditos. Tal poder era materializado através da violência e do suplício a partir dos quais o rei demonstrava

sua força e eficácia. O poder de soberania está ligado à proibição pela lei e ao reestabelecimento da ordem pela punição à desobediência ao que era proibido, castigando o criminoso e dando o exemplo para os súditos, buscando assim reestabelecer a ordem que a violação da lei promoveu. Os súditos constituem um soberano e se colocam sob seu poder buscando segurança e proteção para suas vidas, porém, a partir de então, o rei passa a exercer o direito sobre estas vidas através do poder de matar. “É o direito de fazer morrer ou de deixar viver.” (FOUCAULT, 1999, p. 297). Com o advento da explosão demográfica, e posteriormente da industrialização, segundo Foucault, o poder da soberania fica inoperante, não consegue mais cumprir ao que se propõe,

De modo que à velha mecânica do poder de soberania escapavam muitas coisas, tanto por baixo quanto por cima, no nível do detalhe e no nível da massa. Foi para recuperar o detalhe que se deu uma primeira acomodação: o poder sobre o corpo individual, com vigilância e treinamento – isso foi a disciplina. (FOUCAULT, 1999, p. 298).

Instala-se o poder disciplinar, centrado no corpo individual tendo como principal característica a ação de moldar os corpos para torná-los úteis e dóceis através de procedimentos de distribuição espacial, organização, visibilidade e técnicas de racionalização. O poder não estava mais concentrado nas mãos do soberano, agora ele estava espalhado por diversas instituições como escolas, hospitais, quartéis, fábricas, que através da prescrição disciplinarizavam os indivíduos desde o final do século XVII e durante o século XVIII a fim de extrair deles sua força máxima. Ao contrário do que ocorreu com o poder de soberania, o poder disciplinar não deixa de operar, ele subsiste e se articula com essa nova tecnologia do poder que Foucault denomina de biopoder. Ocorre então uma segunda acomodação, agora voltada aos fenômenos de massa, não mais ao ser humano como indivíduo, mas sim enquanto espécie.

a nova tecnologia que se instala se dirige a multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. Logo depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo de individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante mas é massificante... (FOUCAULT, 1999, p. 289).

O biopoder é um poder capaz de gerir a vida, é o avesso do direito da soberania, “um poder exatamente inverso: poder de ‘fazer’ viver e de ‘deixar’ morrer.” (FOUCAULT, 1999, p. 289). O biopoder passa a se debruçar e se preocupar com a população e seus fenômenos

coletivos, e através de estatísticas e cálculos de possibilidades passa a traçar limites aceitáveis que não podem nem devem ser ultrapassados e que se o forem, impelem o biopoder a intervir com mecanismos de segurança para regular a vida desta população a fim de majorar sua qualidade.

Feita esta apresentação mais geral, passemos, agora, à discussão específica acerca do biopoder.

2.1 Uma biopolítica do corpo humano

Quando estamos tratando e lidando com o conceito de biopoder, é preciso lembrar da sua indissociabilidade com o poder disciplinar. Como dissemos anteriormente, não houve uma ruptura entre estes dois momentos, entre essas duas instâncias de poder. É preciso ter isso em mente para percebermos que o poder disciplinar e o biopoder se complementam e se interpenetram, tanto que Foucault, segundo Furtado e Camilo (2016), subdivide o biopoder em dois polos, duas formas que se articulam: uma que é denominada de “*anátomo-política do corpo humano*” e outra chamada efetivamente de biopolítica. Na forma “*anátomo-política*”, o biopoder, conforme Foucault, segundo Furtado e Camilo (2016), olha para o corpo que pode, deve e precisa ser docilizado, adestrado, para ampliar suas forças e tornar-se cada vez mais útil às necessidades da performance social requerida pelos “governadores da vida”. “Corpos obedientes e medicalizados, punidos se preciso, cuja força produtiva disponível oferece-se à utilização.” (FURTADO; CAMILO, 2016, p. 37). No outro polo do biopoder, complementar a este, está a biopolítica, que se volta para a população e seus fenômenos naturais, nos quais procura intervir e os quais pretende regular.

A tecnologia disciplinar do corpo e a tecnologia regulamentadora da vida articulam-se na expressão do biopoder através da norma, que circula entre a disciplina e a regulamentação na sociedade da normalização: enquanto no polo da *anátomo-política do corpo humano* a norma vem antes e o sujeito individual é impelido a adequar-se ao pré-estabelecido para ser enquadrado na demarcação entre normal e anormal; na biopolítica, padrões de normalidade são identificados na realidade, na população, e, só então, a partir deles, é que a norma é depreendida e estabelecida.

Foucault, em *Segurança, território e população* (2008), traz como exemplo de “problema” que precisa ser tratado pelo biopoder a questão da criminalidade, do roubo nas cidades, um fenômeno que está ligado ao coletivo, que está relacionado à população e ao

qual o poder precisa reagir em favor da qualidade de vida de seus governados. Outro exemplo recorrente é o do tratamento das epidemias, principalmente relacionado ao biopoder:

O poder sobre a vida instala-se como modo de administrar populações, levando em conta sua realidade biológica fundamental. Através dele, estabeleceu-se em nossas sociedades, desde o século XVII, um contingente significativo de conhecimentos, leis e medidas políticas, visando ao **controle de fenômenos como** aglomeração urbana, **epidemias**, transformação dos espaços, organização liberal da economia. (FURTADO; CAMILO, 2016, p. 35, grifo nosso).

Por analogia ao roubo, enquanto problema coletivo relacionado à população, e considerando que desde os anos de 1980 a Organização Mundial de Saúde (OMS) elevou o estatuto epidemiológico da obesidade ao grau de epidemia global, trataremos neste trabalho a obesidade como um fenômeno do qual se acerca o biopoder. A obesidade, identificada pela mesma OMS como “o acúmulo anormal ou excessivo de gordura corporal, que afeta e prejudica a saúde.” (PAIM; KOVALESKI, 2020, p.4), é objetivada como uma urgência da espécie humana na nossa sociedade atual e considerada um desafio para a saúde pública tendo em vista os impactos econômicos nos sistemas de saúde que são associados a ela.

É um problema que impacta na vida da população e culmina em custos para a sociedade, logo, precisa ser tratado pela estrutura social e política. O biopoder precisa agir e o faz através da instalação dos dispositivos de segurança.

Dispositivos de segurança que vão, para dizer as coisas de maneira absolutamente global, inserir o fenômeno em questão a saber, o roubo, numa série de acontecimentos prováveis. Em segundo lugar, as reações do poder ante esse fenômeno vão ser inseridas num cálculo que é um cálculo de custo. Enfim, em terceiro lugar, em vez de instaurar uma divisão binária entre o permitido e o proibido, vai fixar de um lado uma média considerada ótima e, depois, estabelecer os limites do aceitável, além dos quais a coisa não deve ir. (FOUCAULT, 2008, p. 9).

O “fenômeno em questão” do excerto acima era o roubo, que nós já devidamente identificamos como análogo à obesidade quanto à resposta requerida e esperada do biopoder e, portanto, o olhar sobre ela pode ser semelhante, ou melhor, equivalente ao que Foucault lança sobre a questão da criminalidade. Começamos a identificar então os movimentos da biopolítica e as institucionalizações em torno do fenômeno da obesidade. Se em 1980, como já informado anteriormente, ela é enquadrada como uma epidemia, já em 1990 a obesidade é reconhecida oficialmente como uma enfermidade e incluída na Classificação Internacional de Doenças (CID). Isso faz com que ela seja solenemente medicalizada e entregue ao escopo da medicina, considerada “uma condição crônica e um fator de risco para outras doenças.

(PAIM; KOVALESKI, 2020, p.4). Furtado e Camilo, através de Martins e Peixoto Júnior (2009), referem que segundo Foucault vivemos numa sociedade medicalizada desde o século XVIII e um dos acontecimentos que nos levou a isso é a “associação da medicina a formas de saber, como a estatística. Torna-se possível, assim, o cálculo detalhado de dados relativos à saúde e à doença da população (FOUCAULT, 2010 apud FURTADO; CAMILO, 2016, p. 36). Estes cálculos, estas contabilizações, previsões, estimativas estatísticas, estão intimamente relacionados ao funcionamento do biopoder, pois é a partir desses dados que se constrói a curva de normalidade que norteará a ação dos dispositivos de segurança na busca de uma homeostase. Mais uma vez correlacionando a obesidade ao roubo, lemos:

De maneira geral, a questão que se coloca será a de saber como, no fundo, manter um tipo de criminalidade, ou seja, o roubo, dentro de limites que sejam social e economicamente aceitáveis e em torno de uma média que vai ser considerada, digamos, ótima para um funcionamento social dado. (FOUCAULT, 2008, p. 8).

Então nos perguntamos: como esses limites, essas médias, se dão em relação à obesidade? E nos deparamos com mais instituições e institucionalizações que tratam do assunto e dos discursos em torno dele: em 1985 foi fundada a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (Abeso) e em 1995 o Índice de Massa Corporal (IMC) é eleito como parâmetro para diagnóstico universal da obesidade.

A partir do IMC, é possível identificar o quanto a pessoa se afasta do padrão de normalidade – já que normal é ter o corpo magro –, tendo no biológico o elemento essencial para definir o que seria um desvio de normalidade... valores socioculturais e discursos científicos que impõem expectativas em torno do que seja o normal e o saudável. (FERREIRA, 2014 apud PAIM; KOVALESKI, 2020, p. 4).

A Abeso se diz empenhada em fornecer informações científicas sobre a obesidade e como resultado desta função organizou e publicou as *Diretrizes Brasileiras de Obesidade*, que foram atualizadas em 2016 e onde podemos encontrar critérios e orientações para o diagnóstico, a etiologia e o tratamento da obesidade. Inclusive podemos visualizar a tabela do IMC que diferencia os graus de obesidade e os riscos de comorbidades associadas a ela:

Tabela 1 - Graus de obesidade e os riscos de comorbidades associados à obesidade

IMC (KG/M ²)	CLASSIFICAÇÃO	OBESIDADE GRAU/CLASSE	RISCO DE DOENÇA
<18,5	Magro ou baixo peso	0	Normal ou elevado
18,5-24,9	Normal ou eutrófico	0	Normal
25-29,9	Sobrepeso ou pré-obeso	0	Pouco elevado
30-34,9	Obesidade	I	Elevado
35-39,9	Obesidade	II	Muito elevado
≥40,0	Obesidade grave	III	Muitíssimo elevado

Fonte: World Health Organization.

Tabela 4 - Classificação internacional da obesidade segundo o índice de massa corporal (IMC) e risco de doença (Organização Mundial da Saúde) que divide a adiposidade em graus ou classes.

Fonte: Diretrizes Brasileiras de Obesidade 2016 / ABESO – Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica

Entre as notícias de destaque na capa do site da Abeso, uma está publicada em outubro de 2020, que dá conta dos últimos números da obesidade no Brasil divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério da Saúde através da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) referente ao ano de 2019. Os dados informam que a quantidade de brasileiros com excesso de peso há 17 anos era menor do que agora. Enquanto na virada de 2002 para 2003 quatro em cada 10 brasileiros apresentavam sobrepeso, hoje essa estatística é de 6 em cada 10. Quanto à obesidade em si, comunica que o percentual de adultos obesos quase dobrou, passando de 12,2% para 26,8%. Ao final de todas as informações, a notícia é finalizada com um imperativo: “Não resta dúvida: torna-se urgente fazer algo.”².

Diante deste enunciado, alguns são os questionamentos cabíveis: qual a urgência? Quem precisa fazer algo? O que precisa ser feito? A obesidade personifica todas as características necessárias para a escalada do biopoder e a instalação da biopolítica através dos dispositivos de segurança. A OMS, a Abeso, a tabela do IMC, os dados estatísticos do IBGE, todos indicam que algo está fora da curva de normalidade e que, por isso, onera social e economicamente o Estado.

Tomado como objeto de sofisticadas tecnologias políticas, o corpo torna-se público, e o público “somatocrático” (Foucault, 2010c, p. 171). Isto

² Os últimos números da obesidade no Brasil. Disponível em: <https://abeso.org.br/os-ultimos-numeros-da-obesidade-no-brasil/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

significa que “vivemos num regime em que uma das finalidades da intervenção estatal é o cuidado do corpo, a saúde corporal, a relação entre as doenças e a saúde, etc.” (FOUCAULT, 2010 apud FURTADO; CAMILO, 2016, p. 36).

No entanto, essa intervenção não é feita por leis, obrigações ou repressões. O biopoder age “de maneira a produzir, incitar comportamentos. A sociedade ocidental teria menos reprimido os sujeitos, que os levado a emitir certos padrões de resposta (OUCAULTFURTADO; CAMILO, 2016, p. 35). É neste contexto, para responder a esta urgência de tentar conter a crise da obesidade, que mudanças comportamentais são fomentadas na população através de discursos que estimulam as pessoas a se responsabilizarem pelo seu peso e pelo seu IMC. A população passa a buscar sua saúde como se isso fosse um benefício apenas individual, quando na realidade o resultado desse comportamento tem relação direta com a economia e os custos da obesidade para o Estado.

Apesar de o Governo Federal Brasileiro, por exemplo, ter um Guia Alimentar³, este documento não obriga as pessoas a segui-lo, não é uma lei que deve ser cumprida, é apenas uma orientação que, por si só, não coopta a população. Isso precisa se espalhar, as informações nutricionais e, principalmente, as dietas de redução de peso precisam entrar na vida e na casa das pessoas, precisam ser consumidas como um produto. Nesta lacuna entre Estado e população é que operam as biopolíticas e os dispositivos de segurança.

2.2 A Associação Brasileira de Low Carb (ABLC)

Etiologicamente, até hoje, o discurso do balanço calórico é o mais popularizado como responsável pelo excesso de peso. É difícil refutar a ideia de que: engorda quem come mais calorias do que gasta, logo, para emagrecer, é necessário ingerir menos calorias e fazer exercícios para gastar mais do que as calorias consumidas. Muitas são as dietas que partem deste princípio para propor o combate à obesidade. A maioria das dietas tem o mesmo objetivo: fazer seus adeptos emagrecerem, ou seja, opor-se à obesidade enquanto um problema, uma crise, uma epidemia global que precisa ser debelada pela qualidade de vida da população. Consequentemente, podemos enquadrar as dietas como exemplares da rede

³ O Guia Alimentar da População Brasileira é um documento oficial que contém diretrizes, informações, análises, recomendações e orientações sobre alimentação saudável e adequada para a população. Teve sua primeira edição em 2006 e a segunda foi lançada em 2014. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2020.

de difusão do biopoder, refletindo que pretender níveis seguros de gordura corporal carregam à segurança da população e, por conseguinte, dos que a governam.

A dieta LowCarb surge, assim, como uma resposta, como uma alternativa e, por que não dizer, como oposição à crença estabelecida do balanço calórico como causa da obesidade. Com um discurso que devota sua robustez às evidências científicas, argumento também utilizado pela OMS, pela Abeso e pelo Guia Alimentar Brasileiro, as dietas LowCarb surgem como mais um dispositivo que exemplifica a ação da biopolítica. A Associação Brasileira de LowCarb (ABLC), por sua vez, emerge então como lugar legitimado de produção dos discursos acerca das dietas LowCarb, agindo de modo a conduzir a conduta dos sujeitos:

no caso da população... [tem-se] um conjunto de elementos que, de um lado, se inserem no regime geral dos seres vivos e, de outro, apresentam uma superfície de contato para transformações autoritárias, mas refletidas e calculadas... A população é portanto, de um lado, a espécie humana e, de outro, o que se chama de público... a população considerada do ponto de vista das suas opiniões, das suas maneiras de fazer, dos seus comportamentos, dos seus hábitos, dos seus temores, dos seus preconceitos, das suas exigências, é aquilo sobre o que se age por meio da educação, das campanhas, dos convencimentos. (FOUCAULT, 2008, p. 98-99).

Ponderando sobre o fragmento acima, podemos apontar que apesar de a população ser uma massa que tem em comum o biológico, a espécie, há nela públicos que responderão de formas distintas a intervenções distintas. Esse é o lugar que a Associação Brasileira de LowCarb vem ocupar dentro dos dispositivos de segurança da biopolítica que responde à obesidade: um nicho, um público, ou seja, uma população que necessita ser educada e convencida dos benefícios da cientificidade e do acesso à informações para boa saúde, alimentação e qualidade de vida, que venha a ser uma vida não obesa.

Antes de efetivamente lançarmos luz sobre a Associação Brasileira de LowCarb (ABLC) enquanto exemplo de dispositivo biopolítico de gerenciamento da vida e agenciamento da qualidade de vida, acreditamos ser profícuo fazer algumas delimitações terminológicas para o bom andamento e para o melhor entendimento das reflexões e análises que se seguirão. Em seu site, a ABLC é definida como:

uma Instituição sem fins lucrativos que visa à disseminação do conhecimento científico sobre uma alimentação saudável e baixa em carboidratos. Incentiva a educação de consumidores e fabricantes na

utilização da low carb para promoção de saúde e bem-estar.” (site da ABLC, seção Institucional)⁴.

A primeira questão a ser elucidada diz respeito à definição do que vem a ser uma Associação sem fins lucrativos. Segundo Paulo Mechor, consultor do SEBRAE-SP, “Associação é uma entidade de direito privado, dotada de personalidade jurídica e caracterizada pelo agrupamento de pessoas para a realização e consecução de objetivos e ideais comuns, sem finalidade lucrativa.”⁵. A ABLC pretende, segundo informações colhidas em suas mídias, representar profissionais, pacientes e entusiastas da LowCarb.

Mas o que é LowCarb? Hoje ela é conhecida ou reconhecida como dieta da moda, por ter adeptos entre atores e atrizes de TV, cantores e cantoras e celebridades, e também por estampar as capas de sites, blogs e revistas sobre saúde, dieta e emagrecimento. Nem sempre é tratada ou taxada como dieta, também pode ser identificada como uma estratégia nutricional ou até mesmo como um estilo de vida. Já em 1797 há uma descrição feita pelo cirurgião militar escocês John Rollo, no livro *Deptford Notes of a Diabetic Case*, sobre o resultado do tratamento de oficiais do exército diabéticos com o que ele chamou de “dieta da carne”. Essa publicação o fez ser reconhecido como o primeiro médico a recomendar uma dieta pobre em carboidratos como tratamento para diabetes. Em 1862, foi publicado um relato de William Banting sobre sua experiência bem sucedida de emagrecimento, depois de inúmeros insucessos, com uma dieta de baixo consumo de carboidratos orientada pelo Dr. William Harvey. Em 1900, o médico Frederick Madison Allen tratou o diabetes com um regime restritivo de carboidratos e sua prática foi descrita como *Tratamento da Diabetes Mellitus através da fome* na convenção anual da Sociedade Médica do Estado de Connecticut, pelo médico Walter R. Steiner.

Várias dietas ao longo dos anos foram sendo identificadas como LowCarb, como as dietas da Força Aérea e a dieta do Bebedor nos anos 60, e inúmeras foram as publicações relacionadas: em 1958, o Dr. Richard Mackarness publicou *Comer gordura e ficar elegante*; em 1967, Irwin Stillman publicou *A dieta da perda rápida do médico* e o médico austríaco Wolfgang Lutz publicou *Vida sem pão*. Porém, o nome mais conhecido até hoje relacionado às dietas identificadas como LowCarb é o do Dr. Robert Atkins, pelo livro *A nova dieta revolucionária do Dr. Atkins*, publicado em 1972 e atualizado na década de 1990. Até hoje,

⁴ Home Seção Sobre a ABLC – Quem Somos. Disponível em: <<https://ablc.org.br/>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

⁵ Disponível em: <<https://www2.unifap.br/mariomendonca/files/2011/05/ASSOCIA%C3%87%C3%83O-SEM-FINS-LUCRATIVOS-INF.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

os médicos que defendem dietas baseadas em consumo de baixo teor de carboidratos, mesmo os que tentam se descolar da figura do Dr. Robert Atkins, partem dos mesmos princípios.

No Brasil, quando se fala em LowCarb, é inevitável não a relacionar ao nome do Dr. José Carlos Souto, médico cirurgião e urologista, idealizador e presidente da Associação Brasileira de LowCarb. Mesmo antes da institucionalização da Associação, Dr. Souto, como é mais conhecido, já mantinha, desde 2011, e mantém até hoje, um blog denominado *Ciência LowCarb*⁶, no qual ele faz postagens com informações, estudos, referências científicas e refuta críticas relacionadas à LowCarb. Inclusive, como no site da ABLC o espaço reservado para a história de criação da Associação diz que o texto ainda está sendo desenvolvido, foi através do blog do Dr. Souto que conseguimos identificar algumas datas. Em uma postagem de 06 de outubro de 2018, ele faz referência ao fato de estar postando pouco no blog por estar ocupado há meses com o lançamento da ABLC. Em 26 de outubro de 2018, finalmente, ele comunica que o site da Associação está no ar. Nesta postagem do anúncio do lançamento do site, além de informar que esta é a primeira iniciativa do gênero no mundo, ele faz a seguinte pergunta: “Porque precisamos de uma Associação?”, a qual responde:

- “Para ajudar a normatizar as definições nesta área;
- Para oferecer respostas oficiais sobre notícias falaciosas;
- Para escrever e publicar diretrizes baseadas em evidências sobre low carb, que possam servir de base à atuação de profissionais de diversas áreas e especialidades;
- Para apoiar eventos educativos;
- Para promover a certificação de produtos através do Selo LowCarb;”⁷

A partir da voz do Presidente, enunciada pela pergunta e pelas assertivas acima, passamos a direcionar nosso olhar para a Associação Brasileira de LowCarb, enquanto exemplo de biopolítica, e nos debruçaremos sobre os enunciados recortados das mídias oficiais da instituição, a saber site e Instagram, a fim de analisarmos a heterogeneidade do discurso da Associação a partir do que ela própria institui como missão.

⁶ Disponível em: <<https://www.lowcarb-paleo.com.br/>>. Acesso em 05 nov. 2020.

⁷ Disponível em: <<https://www.lowcarb-paleo.com.br/2018/>>. Acesso em 05 nov. 2020.

CAPÍTULO III – A HETEROGENEIDADE DO DISCURSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LOWCARB

Nosso ponto de partida nesta jornada analítica é a missão enunciada pela Associação Brasileira de LowCarb, no entanto, antes de desenvolvermos a análise dos enunciados, parece peremptório definirmos o que vem a ser a missão de uma instituição, qual sua importância para a organização e como ela pode, e talvez até deva, influenciar na enunciação oficial da entidade que a hasteia. A missão é um conceito que juntamente com as noções de visão e valores formam a base da identidade organizacional de uma instituição. Esta identidade reflete o que, ao mesmo tempo, identifica e diferencia uma organização. A missão é caracterizada como a parte do planejamento estratégico em que se condensa o propósito central da criação da instituição, a razão de sua existência e, por isso mesmo, deve ser singular e exclusiva.

[...] missão representa o papel que a organização desempenha em seu negócio e torna palpável a definição do negócio à medida que procura explicitar o que a organização é e/ou faz, como desempenhará o papel (uma indicação da estratégia, da organização e do eventual posicionamento) e para quem (os beneficiários da missão) (ROSSI; LUCE, 2002 apud FERREIRA, 2016, p. 38).

Os conceitos de missão, visão, valores e identidade organizacional demonstram a unidade e a estabilidade de uma corporação, além de nortear atitudes, comportamentos e por que não dizer, enunciações tanto dos colaboradores das entidades, como dos sócios, participantes ou associados. É difícil imaginar que alguém se vincule a uma Associação se não se identifica, por exemplo, com a missão a que ela se propõe. Essa relação da missão com questões tanto internas como externas à instituição nos faz refletir, por exemplo, que a Associação Brasileira de LowCarb, enquanto uma entidade, é atravessada por mobilizações articuladas não apenas dentro e a partir de crenças ou motivações particulares, mas também advindas de determinações externas à instituição e a sua missão em si.

Torna-se, por fim, essencial verificar, na missão, a presença de ideologias, de outros discursos, alheios à organização. Scorsolini-Comin (2012) traz para a análise da missão o conceito de interdiscurso, pois afirma que a missão não é isenta ou criada “na” e “pela” organização. Missão seria o resultado de uma articulação entre a ‘razão de ser’ da organização e discursos presentes em outros contextos da sociedade. (FERREIRA, 2016, p. 40).

Diante e a partir disto, podemos então debruçarmo-nos sobre os enunciados da ABLC e sobre a heterogeneidade inerente e constitutiva destes enunciados e do sujeito enunciator. É

através do olhar sobre essas emergências discursivas que pretendemos demonstrar neste trabalho os deslizamentos dos sentidos e a multiplicidade de vozes, a diversidade de discursos que os enunciados denunciam, no Site oficial da ABLC e em seu Instagram.

No site da ABLC, vê-se na capa como primeira impressão uma apresentação em 3 frames com rolagem lateral, que se alternam diante do visitante da página. No primeiro deles, um vídeo de uma menina negra com tranças soltando bolinhas de sabão e o atalho para baixar o arquivo do projeto *Cartilha de Alimentação Infantil*. No segundo momento da rolagem, há uma imagem colorida de verduras, limão e em primeiro plano um filé de peito grelhado com mais um chamamento, agora com um caminho para contribuir com o outro projeto da instituição, denominado *Proteína Básica*. No terceiro e último frame, mais uma foto, onde o colorido e a nitidez saltam aos olhos:

Figura 1 – Capa do site oficial da ABLC



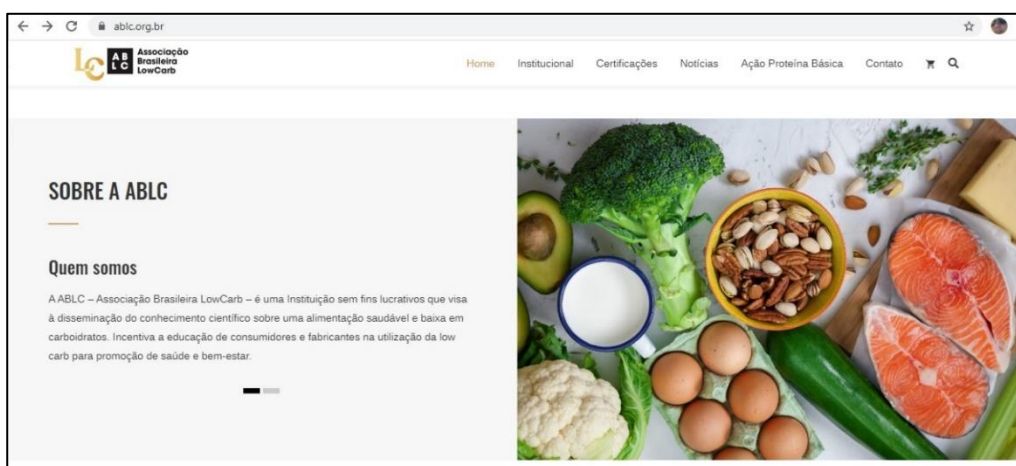
Fonte: Site oficial da ABLC

Vemos na imagem alimentos ditos lowcarb, ou seja, com baixa quantidade de carboidratos em sua composição: brócolis, abacate, ovos, peito de frango, posta de salmão, queijo e oleaginosas (nozes e amêndoas). Sobreposto a isso, o atalho com o imperativo “ASSOSSIE-SE” e um texto que materializa o primeiro enunciado sobre o qual lançaremos nosso olhar: “A ABLC é uma associação sem fins lucrativos que visa a informação e a ciência em prol da saúde. Isso tudo graças a você.”. Aqui a organização se apresenta chamando atenção para seus fins não lucrativos, ao mesmo tempo em que já havia de forma categórica proferido uma ordem para que as pessoas se associassem, ou seja, pagassem uma mensalidade para manter a instituição e seus objetivos. O “tudo”, quer dizer, a promoção da informação e da ciência em benefício da saúde depende de “você” e da sua ação de associar-se. Algumas

perguntas repousam neste enunciado, cujas respostas talvez sejam ao mesmo tempo a ponta do iceberg da heterogeneidade que pretendemos demonstrar e o fio condutor de nossa análise para este propósito: em prol da saúde de quem? Quem está doente precisando de saúde? Quem precisa de ajuda: a associação ou o “doente”? E finalmente, que doença é essa que precisa ser evitada para que haja saúde ou que precisa ser tratada para que a saúde se reestabeleça? Durante o percurso de análise, tentaremos responder essas e outras perguntas cruciais e procuraremos demonstrar que todas essas indeterminações têm funções discursivas.

Ainda na primeira página do site, que é denominada de *Home*, há uma seção intitulada *Sobre a ABLC – Quem somos*, na qual o enunciado descrito anteriormente reaparece com algumas informações a mais que nos dão pistas sobre possíveis respostas aos questionamentos levantados há pouco.

Figura 2 – *Sobre a ABLC – Quem somos*



Fonte: Site oficial da ABLC

Mais uma vez, uma foto com qualidade, colorida e com elementos muito parecidos com os da capa onde se repetem as postas do peixe, o brócolis, o abacate, os ovos, o queijo e as oleaginosas e se acrescentam a couve-flor, o pepino e uma xícara vazia. Ao lado da imagem, capturamos o seguinte enunciado: “A ABLC – Associação Brasileira de LowCarb – é uma instituição sem fins lucrativos que visa a disseminação do conhecimento científico sobre uma alimentação saudável e baixa em carboidratos. Incentiva a educação de consumidores e fabricantes na utilização da LowCarb para promoção de saúde e bem estar.”. Neste enunciado, a “informação e a ciência” reaparecem fundidas no termo “conhecimento científico”. Quanto ao que versará tal conhecimento, podemos identificar dois assuntos,

“alimentação saudável e baixa em carboidratos”. Estas informações inicialmente podem parecer contíguas e não destacáveis uma da outra, como se para ser saudável uma alimentação tivesse que ser LowCarb, porém, a conjunção aditiva “e” que as liga pode nos encaminhar para um sentido excludente, isto é, para o fato de que pode existir, alguma alimentação saudável não necessariamente baixa em carboidratos. O “vocês” do enunciado anterior é destrinchado em consumidores e fabricantes que precisam ser educados para utilizarem a LowCarb, não mais apenas para a saúde, mas agora também para o bem estar. Assim, até aqui, identificamos informações genéricas que não deixam claro o porquê da criação da associação e à quem ela serve.

Poderíamos imaginar que essas dúvidas e embassamentos serão dirimidos ao acessarmos a missão da organização que se encontra na aba “Institucional” juntamente com a visão e os valores.

Figura 3 – Missão



Fonte: Site oficial da ABLC

Lê-se: “Ser referência em ciência nas práticas de saúde baseadas em evidências, comprometida com a divulgação do conhecimento científico e propagação de informações sobre saúde, alimentação e qualidade de vida à sociedade.” Podemos dizer que este é o enunciado mais recorrente no site da Associação, considerando que não é preciso ir até a aba “Institucional” do site para conhecer a missão da ABLC, pois ela está fixada no rodapé da página ainda que não identificada como missão.

Figura 4 – Missão (rodapé)



Fonte: Site oficial da ABLC

Esse enunciado também tem destaque no Instagram da organização figurando como primeiro post da mídia, publicado em 18 de setembro de 2018, antes mesmo do site estar no ar, o que só acontece em 25 de outubro de 2018.

Figura 5 - Missão



Fonte: Instagram da ABLC

Na missão, o discurso científico é reforçado e a LowCarb completamente suprimida. Há uma generalização ainda maior e o compromisso com a divulgação do conhecimento científico e com a propagação das informações recai sobre a saúde e a qualidade de vida, já contempladas anteriormente, e agora também sobre a alimentação. Porém, pelo enunciado da missão é uma saúde, uma qualidade de vida e uma alimentação genéricas, não necessariamente LowCarb,

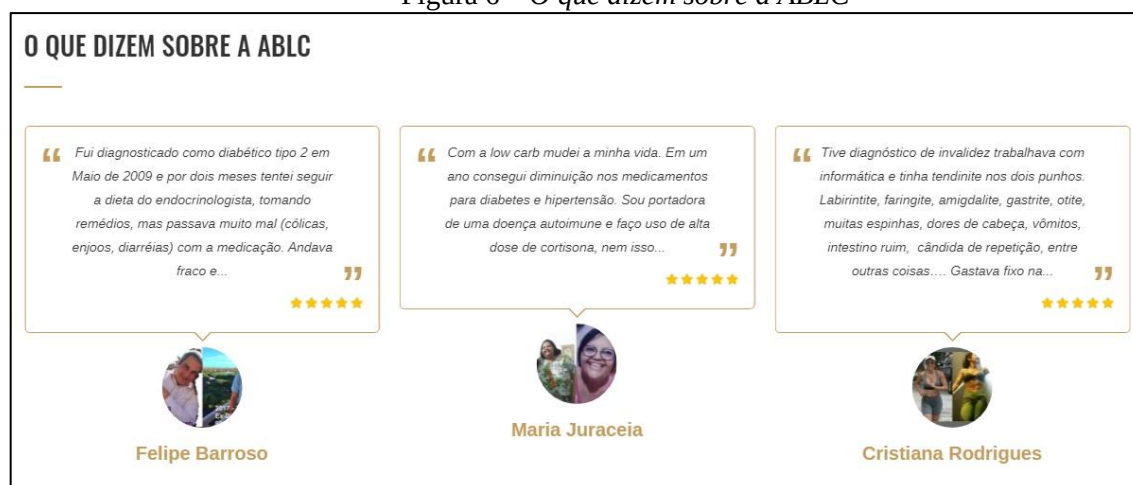
conhecimentos e informações baseados em ciência, mas não necessariamente LowCarb. A apreciação da missão da Associação Brasileira de LowCarb nos dá a impressão que essa poderia ser a missão de uma outra associação qualquer, não LowCarb, falta-lhe a singularidade e a exclusividade inerentes características do conceito de missão. Parece-nos que restringir e delimitar sua área de atuação e seu público não interessa à ABLC. Principalmente o público, pois o que era “vocês” no primeiro enunciado, que passou a “consumidores e fabricantes” no segundo, agora, na missão passou a ser a sociedade como um todo. O sentido mais latente e o discurso mais evidente é o da cientificidade, colocando a ABLC no polo ao lado da ciência e das evidências científicas em oposição ao que não é científico, mas é propagado e consumido como ciência sendo apenas senso comum.

Como dito no início do nosso capítulo, seria esperado que o discurso cunhado na missão da Associação permeasse suas mídias: a construção do site e as postagens no Instagram. No entanto, quando partimos para explorar mais detidamente o caminho da discursividade destes dois aparatos de propagação de ideias e ideologias, nos deparamos com discursos outros, vozes múltiplas e, as respostas aos questionamentos que fizemos inicialmente⁸, começam a se desenhar, e o que até então era geral, genérico e sem delimitação passa a ter uma cara, uma representação e uma especificidade.

Durante nossa jornada de análise, o site da ABLC sofreu uma atualização de layout e algumas seções mudaram de nome. Ainda na primeira página do site, há um espaço que era chamado de *Depoimentos* e após o update passou a se chamar *O que dizem sobre a ABLC*. Nada mudou, além do nome da seção e a apresentação das falas. Os depoentes são os mesmos e os trechos dos depoimentos apresentados também. O que chama atenção na alteração do nome, quando lemos as falas apresentadas, é que nenhuma delas faz referência à Associação, mas sim à LowCarb, de onde depreendemos, talvez, uma tentativa de se confundir o representante com a representação. A ABLC representa a LowCarb, mas não é A LowCarb. Não é a Associação que promove as alterações corporais e metabólicas que os depoentes afirmam ter ocorrido, eles devotam isso à alimentação com baixa quantidade de carboidratos, ou seja, à LowCarb. Conforme podemos ver nas imagens abaixo:

⁸ Em prol da saúde de quem? Quem está doente precisando de saúde? Quem precisa de ajuda: a associação ou o “doente”? E finalmente, que doença é essa que precisa ser evitada para que haja saúde ou que precisa ser tratada para que a saúde se reestabeleça?

Figura 6 – O que dizem sobre a ABLC



Fonte: Site oficial da ABLC

Todos os “depoimentos” são excertos de falas maiores e todos terminam em reticências sem a continuação da história, nem nos dá a opção de clicar para ler o depoimento completo. Várias são as enfermidades relatadas: Diabetes, hipertensão, doença autoimune, tendinite, labirintite, faringite, amigdalite, gastrite, espinhas, dores de cabeça, vômitos, intestino ruim, cândida de repetição, entre outras coisas, porém não há desfecho. Apenas no depoimento do meio, da Maria Juraceia, é dito de forma taxativa: “Com a low carb mudei a minha vida...”, o que nos leva ao entendimento de que a vida das outras duas pessoas também foi beneficiada pela LowCarb. Cada fala tem o nome do declarante e uma foto que fica abaixo do texto recortado. Com a mudança do layout da página, a moldura da foto mudou de quadrada para redonda, o que prejudicou um pouco a visualização deste enunciado em especial. As imagens são todas montagens no estilo de antes e depois, nas quais podemos verificar, identificar, um discurso que até o momento não foi impresso textualmente.

Figura 7 – Depoimentos

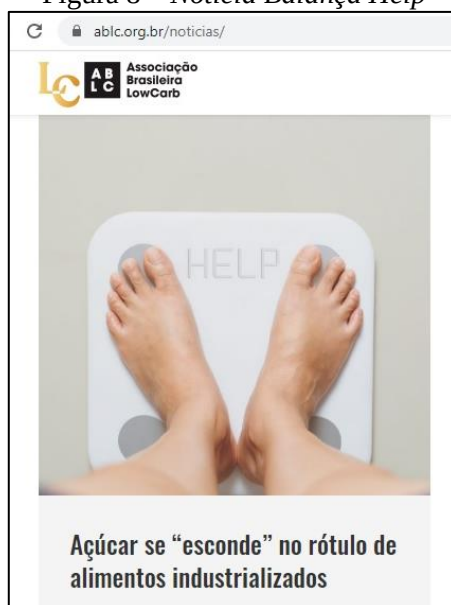


Fonte: Versão anterior do Site oficial da ABLC

Nos textos escritos, vê-se a recorrência da diabetes, mas nenhum dos excertos cita a obesidade dentre os problemas que foram melhorados com a LowCarb. Já nas imagens, a mudança que a LowCarb proporcionou é corporal, e o discurso da doença que passou a ser saúde nos depoimentos se choca com o discurso da **patologização do corpo gordo e de um padrão de beleza e de preceitos estéticos**. A montagem mais à direita, do depoimento do Felipe Barroso, inclusive, tem dados escritos nas fotos do antes e depois que falam do peso, da condição da diabetes e da circunferência abdominal, ou seja, traduz em números o caminho entre a obesidade e o emagrecimento. A partir de então, já podemos apontar um deslizamento dos discursos, vislumbramos desde já o quão heterogêneo é o discurso da ABLC que prevê na sua missão um discurso de ciência e saúde para a sociedade e enuncia discursos de emagrecimento e de busca de um padrão.

A preocupação com a diabetes e com o diabético é um elemento recorrente nos enunciados, inclusive de forma textual. Porém, o combate à obesidade é o que mais chama atenção, principalmente por parecer inicialmente algo velado: o emagrecimento não é tratado como objetivo, mas como benefício secundário. Tenta-se inclusive fazer uma relação direta entre o diabetes e a obesidade como se todo diabético fosse gordo ou como se toda pessoa gorda tivesse diabetes, como se pode perceber na imagem a seguir:

Figura 8 – *Notícia Balança Help*



Fonte: Site oficial da ABLC

O título da notícia faz referência ao açúcar, o que nos leva a pensar em diabetes, no entanto, a imagem de uma pessoa sobre uma balança onde no lugar do mostrador existe a palavra “HELP” (“socorro”, em inglês), distancia-nos do açúcar e do diabetes e nos leva

para a obesidade e o quanto alguém obesa precisa ser ajudada. Inclusive a imagem da balança é uma figura assídua nos enunciados, como podemos ver em alguns dos vários posts com balanças recortados do Instagram:

Figura 9 – Posts com balança



Fonte: Instagram da ABLC

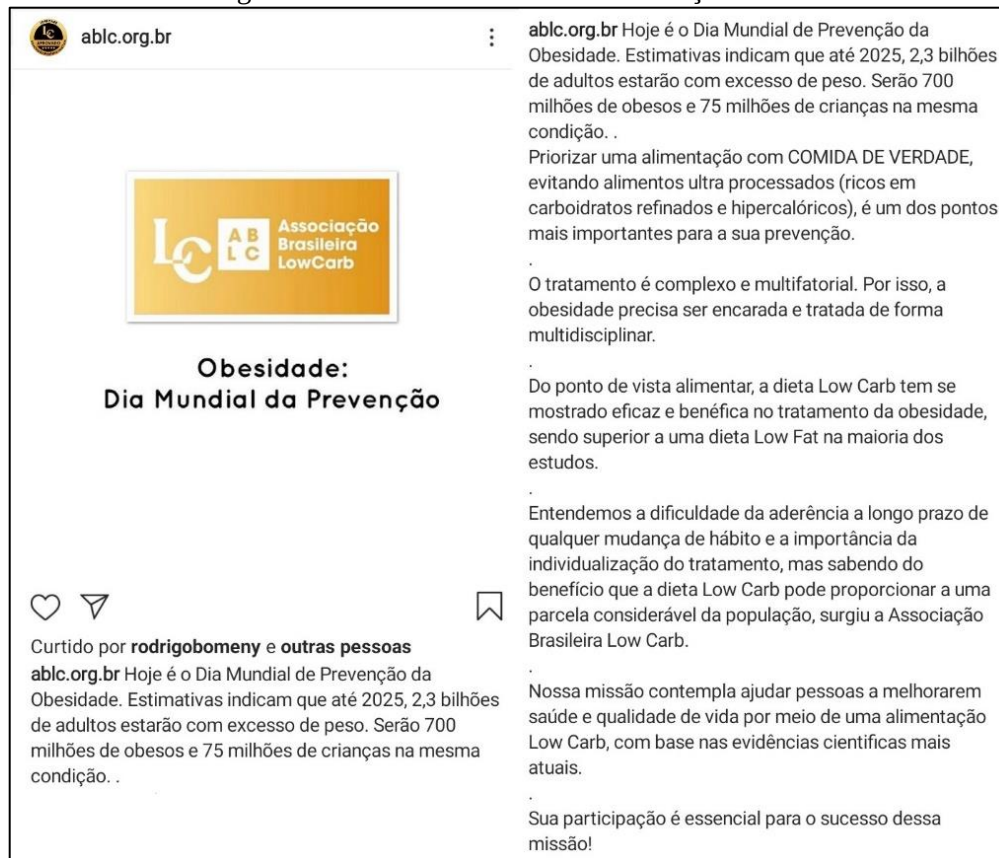
Na tentativa de aferir percentualmente a recorrência do discurso de combate à obesidade ou relacionado ao emagrecimento, na seção *Notícias* do site, 10 das 40 notícias, ou seja, 25%, estão relacionadas a isso; na seção *Publicações*, o percentual é ainda maior, pois 4 das 10 publicações guardam relação com obesidade ou emagrecimento, ou seja, 40% delas. São números que corroboram o deslizamento do discurso da ABLC considerando que nem a obesidade, e muito menos o emagrecimento, fazem parte do discurso da Missão desta instituição.

Quando nos voltamos pormenorizadamente para os discursos disseminados no Instagram da ABLC, atestamos nossa hipótese de heterogeneidade. Uma das ações que a Associação Brasileira de LowCarb propõe é a criação de um Selo que identifique alimentos LowCarb para que as pessoas que, segundo eles, necessitam deste tipo de alimento, possam consumi-los sem prejuízos para a saúde. No 13º e 14º posts do Instagram, em 25 de setembro de 2018, o tema é “Critérios para Certificação” partes I e II. Nestes enunciados, várias são as reflexões suscitadas e fica evidente a relação que a ABLC estabelece entre obesidade e doença. No post da parte I, lemos: “A maioria das **peessoas saudáveis** não precisa seguir um estilo de vida low carb... Para outras pessoas, low carb é um estilo de vida que lhes traz bem-estar e a manutenção de um **peso adequado** sem a necessidade de passar fome.” (grifo nosso). Como podemos ver e inferir desta construção textual, “a maioria das pessoas saudáveis” não precisam de LowCarb em oposição às outras pessoas que não tem um “peso

adequado” e precisam chegar e mantê-lo para terem bem estar. O peso é o balizador da ausência ou presença da saúde e do bem estar.

No post da parte II, lemos: “... a ABLC acredita que **aqueles que optam ou necessitam** de uma abordagem mais restritiva precisam ser protegidos... **Normalizar** o que é e o que não é low carb não significa impor essa estratégia a ninguém, nem tampouco um julgamento de valor.” (Grifo nosso). Aqui eles tentam defender-se reconhecendo que a LowCarb pode ser adotada não apenas por quem precisa dela, mas pode ser uma opção, como eles dizem, um estilo de vida e que não há julgamento de valor na tentativa de normalizar os alimentos LowCarb através do selo. No entanto, esta normatização talvez não esteja sendo feita nos alimentos e sim nos consumidores que buscam, através dos alimentos e das instruções da ABLC, encaixar-se no discurso estético revestido de saudável. Tanto que no post seguinte, ou seja, no 15º post, no dia 26 de setembro de 2018, eles ditam “regras gerais” de alimentação. A questão é: as regras são postas para quem? Para quem precisa perder peso, ou seja, mais uma vez a pessoa gorda é o objeto e a obesidade é o centro, o objetivo. Finalmente, no 29º post do Instagram, no dia 11 de outubro de 2018, a obesidade é trazida e passa a ser tratada como alvo de forma mais explícita:

Figura 10 – Post Dia Mundial da Prevenção da Obesidade



Fonte: Instagram da ABLC

Neste enunciado, a obesidade é declaradamente tratada como doença que precisa de tratamento e a LowCarb é apresentada como a melhor solução pela ABLC. A partir daqui, o que vemos são deslocamentos de sentido e o deslindar da heterogeneidade do discurso da ABLC se escancarando e se avolumando. E isso é feito de duas formas, através de duas estéticas distintas: através de depoimentos e de notícias em blogs, jornais, revistas, sites. Agora não é mais a ABLC falando de si e da sua missão, são outros atores e autores ratificando um discurso que se pretendia científico e que flerta com o senso comum, com o relato de experiência e com a mídia.

No dia 23 de outubro de 2018, na sua 37ª postagem, a ABLC pergunta: “O que mudou na sua vida após a Low Carb?”, solicitando que as pessoas que fazem LowCarb ou seguem esse estilo de vida contem suas histórias, suas experiências. A partir daqui, começam as postagens de depoimentos que contabilizam 22 no total, até o dia 18 de novembro de 2020, e em sua imensa maioria fazem referência à perda de peso e medidas, ou seja, ao emagrecimento, conforme enunciados abaixo:

06 de dezembro de 2018

59ª Postagem: DEPOIMENTO: “Aos 40 anos eu renasci.” ROBERTO, COM 48 KG A MENOS

30 de dezembro de 2018

68ª Postagem: DEPOIMENTO: “Eliminei 32 kg e hoje ajudo as pessoas através desse estilo de alimentação” ANINHA, MAIS SAUDÁVEL APÓS LC

30 de janeiro de 2019

80ª Postagem: DEPOIMENTO: “Sou uma compulsiva em recuperação e a LowCarb foi minha libertação.” PATTY, 50 KG MAIS LEVE APÓS LC

25 de fevereiro de 2019

95ª Postagem: DEPOIMENTO: “Fui do manequim 46 pro 38. Hoje não sinto mais fome o tempo todo, como para viver e não vivo para comer.” AYLA, 20 KG MAIS LEVE APÓS LOWCARB

19 de março de 2019

104ª Postagem: DEPOIMENTO: “Perdi 30Kg sem remédios, sem cirurgia, sem morrer de fome. Ganhei disposição para ser a mãe que sempre quis ser.” ELIANE, EM PAZ COM O ESPELHO APÓS LOWCARB.

Essa é a imagem que a ABLC quer emplacar da LowCarb: um advento eficaz e rápido para emagrecer e chegar a um **padrão estético**. Até no dia Nacional do Diabetes, 26 de junho de 2019, na postagem 135ª, quando o foco deveria ser o diabetes, é a perda de peso que se sobressai. São postados 3 relatos como exemplos de que a LowCarb pode ser útil contra o

diabetes, mas os quilos perdidos é que figuram como argumentos mais impactantes nos depoimentos:

Figura 11 – *Post Dia Nacional do Diabetes*



Fonte: Instagram da ABLC

O outro viés que demonstra o deslizamento dos discursos é a replicação no Instagram de notícias sobre a Low Carb e a ABLC que foram veiculadas em sites, blogs e revistas. Isso só passa a acontecer depois de 27 de setembro de 2019, quando se nota uma mudança no padrão, uma alteração na estética das postagens, e se intensifica bastante, a partir de julho de 2020. O que vemos desde então em diante é uma enxurrada de enunciados que evoluem numa crescente que vai do combate à obesidade à exaltação da velocidade do emagrecimento. Além do conteúdo dos enunciados, impressiona também a quantidade e a contiguidade das postagens.

28 de julho de 2020

215ª Postagem: Matéria publicada no portal Ella FM: Baixo consumo de proteína está associado à obesidade

29 de julho de 2020

216ª Postagem: Matéria publicada no Gramado site: Dieta rica em proteína é benéfica para a saúde

31 de julho de 2020

217ª Postagem: Matéria publicada no portal Segs: Baixo consumo de proteína está associado à obesidade

04 de agosto de 2020

218ª Postagem: Matéria publicada na BBS News: Veja a eficácia da Low Carb para o combate à obesidade

OBS.: Essa reportagem em especial usa como argumento o perigo da obesidade para complicações da COVID-19.

07 de agosto de 2020

219ª Postagem: Reportagem no portal Webrun: Consumir pouca proteína pode levar à obesidade

Esses enunciados se sucederam, um após o outro, ininterruptamente. Inicialmente com a obesidade em foco como doença a ser combatida. Logo depois, a doença sai de cena para dar lugar ao emagrecimento e a partir de então a saúde fica em segundo plano e o que passa a interessar e ser enunciado é a efetividade do emagrecimento e a velocidade com que se emagrece.

21 de agosto de 2020

226ª Postagem: Reportagem no portal IBahia: Médicos explicam segredo do emagrecimento efetivo

Figura 12 – *Post com fita métrica*



Fonte: Instagram da ABLC

24 de agosto de 2020

227ª Postagem: Matéria no blog Temas Preferidos: Emagrecimento: mudança no estilo de vida é o que sustenta a perda de peso.

Figura 13 – *Post com balança e pêssegos*



Fonte: Instagram da ABLC

08 de setembro de 2020

232ª Postagem: Reportagem na Gazeta do Povo: “Dieta Low carb: como emagrecer rápido reduzindo o consumo de carboidrato”

Figura 14 – *Post Balança com fita métrica*



Fonte: Instagram da ABLC

17 de setembro de 2020

237ª Postagem: Entrevista ao Repórter Diário: Dieta Low Carb: Como emagrecer rápido reduzindo consumo de carboidrato

Figura 15 – *Post Frutas e legumes emagrecer rápido*



Fonte: Instagram da ABLC

06 de outubro de 2020

249ª Postagem: Folha Vitória: Cardápio low carb: veja como emagrecer rápido reduzindo carboidrato

Figura 16 – *Post Salada com ovo frito emagrecimento rápido*



Fonte: Instagram da ABLC

Com essa sequência de enunciados, ficam demonstrados de forma mais precisa os deslizamentos dos discursos da ABLC e de como o discurso da obesidade e do emagrecimento, ou seja, os discursos da **patologização do corpo gordo e da estética desejável do corpo magro** se sobressaem sobre o discurso de cientificidade que a instituição encampa e antecipa na sua missão. Mais do que isso, como durante os anos (2018 / 2019 / 2020) a relação entre o discurso da missão e o discurso da instituição, ou melhor, o discurso da ciência, da saúde da população migrou e fez uma escalada até chegar num discurso de combate à obesidade e culminar num discurso pelo emagrecimento rápido, não importando mais se é saudável, interessando apenas ser efetivo e rápido. Trata-se, pois, de uma construção discursiva marcada por uma heterogeneidade composta de diversas vozes: aquelas provenientes do campo científico, sem dúvida, mas também aquelas provenientes do mercado, em seus diversos ditames e padrões a respeito da magreza e da beleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto a temática da alimentação, quanto o tema relacionado aos discursos que a envolvem são relevantes por serem vivenciados por todas as pessoas, sem exceção. Se a sociedade, o governo, a mídia e cada um de nós se ocupa todos os dias com o que comemos, como comemos e para que comemos, nada mais importante do que refletir sobre como isso está sendo construído discursivamente entre nós. A LowCarb é um tema que vem pululando já há algumas décadas e se intensificou há alguns anos, e percebendo a adesão cada vez maior das pessoas à este “estilo de vida”, percebi que a Análise do Discurso nos munia de possibilidades de olhar para esse tema de uma forma ao mesmo tempo ampla e profunda.

Assim, enveredamos pelos meandros das questões alimentares e concentramo-nos na dieta LowCarb através da Associação Brasileira de LowCarb com o propósito de identificar e demonstrar diversos discursos que coabitam os enunciados produzidos por esta instância. Debruçamo-nos sobre o site e o Instagram da instituição que hoje representa as várias nomenclaturas que se guardam sob a égide da LowCarb e analisamos os inúmeros enunciados produzidos pela ABLC. Tomamos a missão organizacional como enunciado basal e passamos a confrontá-lo com as demais materializações discursivas desta organização. Foi desta forma que nosso trabalho conseguiu demonstrar os deslizamentos que o discurso da missão da ABLC sofria, ratificando sua heterogeneidade.

Ficou evidenciado que, além do discurso científico, tão repetido e reforçado pela instituição, outras vozes também se faziam ouvir nos enunciados propagados no site e no Instagram da ABLC. A obesidade, ou melhor, a sua patologização, que era tratada como uma questão secundária, para não dizer inexistente, a partir da missão, apareceu como protagonista nos enunciados que analisamos e trouxemos a ver. O emagrecimento que era tido como uma consequência quase que acidental da adoção deste regime alimentar ficou demonstrado ser a verdadeira finalidade dos enunciados da ABLC. Tudo isso nos fez concluir que o discurso científico materializado no enunciado na missão da Associação é idiossincraticamente heterogêneo e convive com outros discursos, como o estético e o comercial mercadológico, formulados abundantemente em suas mídias sociais.

Diante da robustez das demonstrações feitas, podemos afirmar que nosso objetivo no trabalho foi alcançado e nossos questionamentos devidamente respondidos. Apesar de fecharmos esse ciclo de análises de forma vigorosa, percebemos que diante da vastidão do material analisado, muitas são as possibilidades e infinitos são os olhares que podem ser

lançados sobre este tema a partir das ferramentas arregimentadas e assentadas na Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA RUIZ, Marco Antonio. **Por uma ciência da linguagem no/doBrasil**: percursos e irrupções teóricas. 2019. 223f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/11684/TESE%20versao%20pos%20defesa_Marco%20Antonio_julho_2019.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 18 out. 2020.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade (s) Enunciativa (s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 19, p. 25-42, jul-dez. 1990. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824/4545>>. Acesso em: 19 out. 2020.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FERREIRA, Ana Vitória Sandoval. Elementos de articulação: missão, visão, valores e a identidade organizacional. **Revista da EDUICEP**, v.1, n.1, p. 33-52, 2016. Disponível em: <<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/eduicep/article/view/129/68>>. Acesso em: 15 nov. 2020.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso dado no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.

FURTADO, Rafael Nogueira; CAMILO, Juliana Aparecida de Oliveira. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 3, p. 34-44, dez. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rs/v16n3/03.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2020.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pechêux na análise do discurso**: diálogos & duelos. 2. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo da leitura. In: ERNEST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo (Org.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas: Educat, 2001. p. 27-42. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/Leitura_e_a_Escrita.pdf>. Acesso em: 19 out. 2020.

LORDES, Antonio Wallace. Análise do discurso: o nascimento de uma disciplina interdisciplinar. **Revista ALED**, São Carlos, mai. 2014. Disponível em: <<http://www.revistaaledbr.ufscar.br/index.php/revistaaledbr/article/viewFile/5/4>>. Acesso em: 18 out. 2020.

PAIM, Marina Bastos; KOVALESKI, Douglas Francisco. Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 1-12, mar. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v29n1/1984-0470-sausoc-29-01-e190227.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2020.

POSSENTI, Sírio. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 2. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 353-391.